

A VARIAÇÃO DIATÓPICA NO SISTEMA VERBAL ESPANHOL

DIATOPIC VARIATION IN THE SPANISH VERB SYSTEM

Leandra Cristina de Oliveira

Professora do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras e do
Programa de Pós-graduação em Linguística da
Universidade Federal de Santa Catarina
leandraletras@hotmail.com

Luizete Guimarães Barros

Professora dos Cursos Letras Espanhol e
Secretariado Executivo Trilíngue da Universidade Estadual do Maringá
luizetebarros@gmail.com

RESUMO: Sob uma abordagem dialetológica, analisamos neste trabalho a variação diatópica no uso das formas simples e composta do pretérito perfeito do indicativo da língua castelhana. O objetivo é verificar a frequência de uso dessas formas verbais em diferentes variedades da língua em questão. Para tanto, fundamentadas em discussões sobre a dialetologia espanhola, apresentamos os resultados da análise de amostra do espanhol escrito de seis grandes regiões dialetais: região da Espanha; do México e América Central; do Caribe; dos Andes; do Chile; e do Rio da Prata. Os resultados sinalizam forte relação entre as variáveis “contexto geográfico” e “forma verbal”. Em síntese: o pretérito perfeito simples é forma mais recorrente em todas as regiões hispano-falantes; no entanto, o pretérito perfeito composto tem frequência mais elevada na amostra madrilenha, se comparada às das regiões de hispano-américa.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística; Dialetologia; Sistema verbal castelhano.

ABSTRACT: This study investigates the diatopic variation in the use of the simple past and present perfect tenses in the Spanish language through the lenses of Dialectology. The aim is to verify the frequency of use of these tenses in different varieties of the language in question. Based on discussions about the dialectology of Spanish, we present the results of a sample that represents the written Spanish of six large dialectal regions: Spain; Mexico and Central America; the Caribbean; the Andes; Chile; and the region of the Río de la Plata. The results point to a strong relationship between the variables ‘geographical context’ and ‘verbal form’. In short, the simple past tense is the most recurrent form in all regions studied; however, the present perfect past has a high frequency in the Madrilanian sample if compared to the samples of the American regions.

KEYWORDS: Linguistic variation; Dialectology; Castilian verb system.

INTRODUÇÃO

Tendo em vista a considerável variação diatópica da língua espanhola, propomos um trabalho que discute a relação entre as variáveis “contexto geográfico” e “forma verbal do pretérito perfeito do indicativo”. O objetivo consiste em apresentar a frequência de uso

dessas formas verbais em diferentes variedades hispano-falantes, considerando um mesmo gênero textual. Importa destacar o fato de o presente estudo dedicar-se, sobretudo, à análise quantitativa da variação pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto – por exemplo, *viví* e *he vivido*, respectivamente. Logo, trata-se de um estudo com base na associação binária entre a variável linguística em questão e a variável geográfica.

Para tanto, o debate sobre a variação *viví/he vivido*, neste trabalho, parte dos resultados do estudo de Oliveira (2007). A amostra constituída pela autora contempla notícias *online* de fatos repercutidos internacionalmente. Trata-se de uma amostra que representa o espanhol pensinsular e de cinco zonas dialetais de hispano-américa (do México e América Central; do Caribe; dos Andes; do Chile; e do Rio da Prata). Os resultados obtidos a partir de tratamento estatístico são apresentados na seção 3, adiante neste trabalho. Antes, contudo, discorreremos teoricamente acerca de alguns postulados da dialetologia.

2 CONTRIBUIÇÕES DA DIALETOLOGIA

Introduzimos esta seção com base na definição de dialetologia proposta por Faraco (1998, p. 112): “[...] estudo de uma língua na perspectiva de sua variabilidade no espaço geográfico...”. Tal variabilidade define, pois, um dialeto, entendido aqui como variedade de uma língua relacionada com a região que ocupa: acepção tradicional em estudos linguísticos.

Ao tratar do sentido próprio da dialetologia, Coseriu (1982) alerta para dois aspectos fundamentais: i) a dialetologia é o estudo da “configuração” espacial das línguas, ou seja, da variedade diatópica e das relações interdialetais; ii) trata-se, essencialmente, de “gramática comparada”. Para o autor, o primeiro item diz respeito à definição das áreas na investigação dialetal, ou seja, ao estabelecimento das isoglossas – fronteiras linguísticas que delimitam as diferenças entre regiões que falam uma mesma língua. Em relação ao segundo aspecto, vale mencionar que a compreensão de Coseriu sobre “gramática comparada” não tem a ver com a comparação entre sistemas (gramática contrastiva), mas com a comparação de dados de um mesmo sistema, presentes em espaços distintos.

A esse respeito, o autor alerta para a necessidade de uma comparação coerente, considerando níveis e estilos de língua semelhantes em cada um dos contextos geográficos. Caso o investigador não tenha esse cuidado, corre-se o risco de interpretar como diatópicas diferenças que não o são. Como exemplificação, tomamos o fenômeno que estamos analisando: a possível variação diatópica entre o uso de *viví* e *he vivido*. O primeiro passo deve ser a seleção criteriosa da amostra, procurando manter, em cada contexto geográfico, estilo e nível linguísticos idênticos. A diferença de modalidade, gênero e/ou suporte seguramente comprometeria a investigação da variação diatópica, já que cada uma dessas situações tem influência sobre a língua.

Tratadas questões relativas à inserção da dialetologia neste trabalho, cabe explicar brevemente a concepção de termos controversos como o de “língua” e “dialeto”, que

apresentamos de acordo com a visão de linguistas como Calvet (2002) e Coseriu (1973; 1982).

Segundo Calvet (2002), são borrosos os limites de definição entre língua e dialeto. No caso de idiomas supranacionais, são comuns afirmações sem fundamento científico de que a língua pertence a um determinado país, e o que se fala em outros são dialetos¹. Face a essa diferenciação simplista e equivocada, parece estar difundida a afirmação redutora de que numa região dominante de um país determinado fala-se a língua e numa outra região, distante do centro hegemônico, fala-se o dialeto. Coseriu (1982) postula, entretanto, que a diferenciação entre língua e dialeto não é meramente uma questão geográfica, senão histórica.

Por incluir a perspectiva temporal na sua abordagem dialetológica, Coseriu compreende língua como “[...] *sistema de isoglosas comprobadas en una actividad lingüística completa, es decir, que consiente el hablar y el entender de varios individuos de acuerdo con una tradición históricamente común...*” (COSERIU, 1982, p. 10). O autor acrescenta que os limites dessa tradição podem ser diversos, podendo ser estabelecidos convencional ou ocasionalmente. Podemos, por exemplo, falar da língua familiar, da língua de uma comunidade, de uma determinada época etc. Assim, sintetizando, todo sistema que possa funcionar no ato de falar é uma *língua*. No trabalho *Sincronía, diacronía y historia*, Coseriu (1973, p. 20) acrescenta que, quando empregamos o termo língua, estamos nos referindo a um objeto de natureza histórica, ou seja, quando reconhecemos a língua espanhola, a língua francesa, a língua portuguesa, reconhecemos realizações linguísticas dadas historicamente.

Essa visão do linguista romeno Eugenio Coseriu, professor de universidades latino-americanas, amplia a noção espacial de dialetologia à dimensão também temporal, porque, a partir de suas especulações, Coseriu (1982) afirma que todo dialeto é uma língua, pois possui sistema fonético, gramatical e lexical, compartilhados pelos falantes. Ao afirmar que todo dialeto é uma língua convém esclarecer que, quando falamos de dialetos, falamos de dialetos de uma determinada língua (dialeto do espanhol, do português, do francês etc.), ou seja, os dialetos são subordinados às línguas, as quais são definidas historicamente.

Entretanto, a recíproca não é verdadeira – conforme alerta o autor –, ou seja, nem toda língua é um dialeto. Nesse ponto, o caráter histórico da língua nos ajuda a compreender esses dois pólos. A língua é aquilo que seus falantes reconhecem como historicamente estabelecida e, conseqüentemente, são nomeadas por um adjetivo próprio: língua *portuguesa*, língua *inglesa*, língua *espanhola* etc. Trata-se, então, da língua como entidade histórica, como idioma. Aliás, em espanhol, a palavra “idioma” denota, segundo Coseriu, esta característica. O autor exemplifica: “a língua de Cervantes” pode ser uma variedade do espanhol (a modalidade típica usada por este escritor em suas obras), enquanto “o idioma

¹Observa-se que, muitas vezes, a divisão língua/dialeto é uma divisão valorativa: a primeira está relacionada a sociedades de maior *status* social; o segundo, a sociedades de menor prestígio. Tal posicionamento é característico do quadro de atitudes linguísticas encontráveis em qualquer sociedade (CALVET, 2002).

de Cervantes” é o espanhol como língua histórica, o qual se opõe ao idioma de Camões, de Dante e de Shakespeare, que são, respectivamente, o português, o italiano e o inglês.

Até aqui, vemos que língua como “sistema de isoglossas” não é, ainda, uma definição clara do termo. Os exemplos apresentados por Coseriu ajudam-nos a observar que, quando definimos “língua de uma família”, “de uma cidade”, “de um território”, na verdade, estamos fazendo referência a variedades de uma língua (COSERIU, 1982). Quando falamos das línguas do mundo – por exemplo: o francês, o português, o espanhol, o italiano são línguas românicas – ou quando perguntamos quantas são as línguas eslavas, estamos nos referindo a seu *status* histórico, ou seja, ao que melhor caracteriza a língua, diferenciando-a de dialeto.

A partir dessa diferenciação, podemos abstrair que a língua, sendo histórica, não é um modo de falar único e homogêneo, mas um conjunto de modos de falar afins e interdependentes. Segundo Coseriu, a língua é uma família histórica e os dialetos são membros dessa família “*constituyen familias menores dentro de la familia mayor*” (COSERIU, 1982, p. 12). Dialeto é, portanto, um modo de falar que se opõe a outros modos inseridos em uma mesma língua histórica – esta, por sua vez, é um conjunto de dialetos. Percebe-se, com isso, que toda variedade dialetal pressupõe a existência de uma língua.

Interessa ilustrar essa discussão com o caso do espanhol – língua de investigação deste trabalho. Contradizendo a distinção meramente geográfica entre língua e dialeto, que também parece estar relacionada mais a questões sociais do que linguísticas, a língua espanhola não é aquela restrita ao contexto peninsular, senão aquela praticada em diferentes contextos geográficos, por meio de diferentes dialetos. O que hoje chamamos de “espanhol” corresponde à língua oficial da Espanha e de mais de vinte países, distribuídos em diferentes continentes.

Ainda relativamente à “língua”, outro aspecto merece atenção neste estudo dialetológico: a distinção entre “norma” e “sistema”. Dentro de uma língua, Coseriu (1977, p. 194-195) identifica ainda três estratos funcionais: *norma* (realizações linguísticas tradicionais); *sistema* (regras correspondentes a tais realizações) e *tipo linguístico* (princípios correspondentes às regras do sistema). Importa discutir neste estudo apenas as duas primeiras.

Diferentemente do aspecto contínuo e histórico da língua, norma e sistema são vistos por esse autor como conceitos estáticos, ou melhor, sincrônicos. À estaticidade dessas realizações, Coseriu (1952, p. 172) aplicou o termo “*estado de lengua*”, que se caracteriza por estar excluído do fator tempo. O autor acrescenta que, em cada momento da história de uma língua, deparamo-nos com um sistema e uma norma que não correspondem ao momento anterior.

Contudo, a norma em um estado de língua tampouco é única e homogênea. Coseriu (1952, p. 156) menciona a possibilidade de diferentes normas: normas literárias, normas sociais,

normas regionais etc. Vale esclarecer que a norma discutida por Coseriu nada tem a ver com a “norma gramatical” do “certo/errado”, convencionalmente estabelecida. O autor define-a como estruturas normais e tradicionais na comunidade, por meio das quais constata-se o “como se diz” e não o “como se deve dizer”.

Podemos indicar a diferença entre “norma gramatical” e “norma funcional” com o fenômeno linguístico de que estamos tratando. No espanhol atual, é possível ouvir uma sentença como “*hoy leí un libro*”, considerando que, dentro da norma que Coseriu define como funcional, esse é um uso absolutamente aceito.² Por outro lado, a “norma gramatical”, que aponta critérios de correção e de valorização subjetiva, diria que o uso “correto” seria “*hoy he leído un libro*”, dada a expressão de proximidade temporal manifestada pelo advérbio “*hoy*”. A norma funcional é, portanto, aquela que “*corresponde a lo que ya se ha dicho*” (COSERIU, 1973, p. 55).

O sistema, por sua vez, é definido como uma série de elementos essenciais e indispensáveis de oposições funcionais, conforme Coseriu (1952). Como o próprio termo evidencia, é um sistema de possibilidades que admite realizações infinitas desde que não afetem as condições funcionais do instrumento linguístico. Nesse ponto, encontramos o elemento fundamental na distinção norma/sistema. O sistema indica os “caminhos abertos” e os “caminhos fechados” para as realizações linguísticas; a norma limita a liberdade expressiva do indivíduo, fazendo-o respeitar as possibilidades oferecidas pelo sistema.

Por meio de aspectos morfológicos, o autor diferencia norma e sistema afirmando que um falante pode substituir “*anduve*” por “*andé*”, já que “*andé*” é uma forma do sistema espanhol – *cantar/canté; amar/amé; llorar/lloré; logo, andar/andé*). Entretanto, lembra o autor, a norma gramatical castelhana aceita apenas a forma “*anduve*” (COSERIU, 1952, p. 154-155).

Norma e sistema têm em comum um aspecto: ambos são conceitos sincrônicos, o que os diferencia do conceito de língua. Como antes mencionado, a língua é contínua, enquanto o sistema e a norma são estáticos, “*son conceptos que se refieren al ‘ser’ y no al ‘devenir’*” (COSERIU, 1952, p. 172). Cada momento na história de uma língua apresenta um sistema e uma norma os quais não coincidem com os de momentos anteriores – correspondem, portanto, a um estado de língua.

A questão de que tratamos neste trabalho diz respeito à norma funcional em detrimento da norma gramatical. Analisamos a variação no uso de *viví* e *he vivido* considerando diferentes variedades regionais, a partir da *norma jornalística*, a qual se insere na norma tradicionalmente aceita em, e usada por, uma comunidade determinada (*norma funcional*).

²Coadunando com esse autor, Oliveira (2007) constata alta frequência do pretérito perfeito simples acompanhando advérbios não relacionados com o “*hoy*”, tais como: *ayer, anteayer, la semana pasada, hace un año* etc. Destaca-se o fato de a análise da autora fundamentar-se em dados do gênero notícia.

3 DIALETOLOGIA DA LÍNGUA ESPANHOLA

Conforme mencionado, a variação na morfossintaxe castelhana é ilustrada neste trabalho a partir dos resultados de Oliveira (2007), cuja amostra contempla o espanhol de cinco grandes regiões dialetais hispano-americanas, além do espanhol europeu. A divisão dialetológica da América Hispânica segue a delimitação de regiões estabelecidas por Henríquez Ureña (*apud* ZAMORA VICENTE, 1967, p. 397), a saber:

- 1) Sul e sudeste dos Estados Unidos, México e as Repúblicas da América Central.
- 2) As três grandes Antilhas espanholas (Cuba, Porto Rico, Santo Domingo), a costa da Venezuela e, provavelmente, a parte setentrional da Colômbia.
- 3) Região Andina da Venezuela, o interior e a costa ocidental da Colômbia, Equador, Peru, a maior parte da Bolívia e, talvez, o norte do Chile.
- 4) A maior parte do Chile.
- 5) Argentina, Uruguai, Paraguai e, talvez, parte do sudeste boliviano.

Tal delimitação é aceita por dialetólogos sucessores a Henríquez Ureña, que, de maneira semelhante, dividem o espanhol americano em cinco zonas dialetais. Andiñón Herrero (2004), por exemplo, nomeia da seguinte forma as cinco grandes regiões latino-americanas: 1) Região do México e América Central; 2) Região do Caribe; 3) Região Andina; 4) Região do Chile; 5) Região do Rio da Prata, respectivamente.

Essa divisão hispano-americana é definida por aspectos linguísticos comuns, por fatores socioculturais e pelo desenvolvimento histórico-social desde a colonização até os dias atuais (MALMBERG, 1974). Malmberg acrescenta que cada região latino-americana tem sua “*idiosincrasia*” e sua história. No entanto, ainda que seja uma divisão algumas vezes criticada, parece pertinente adotá-la neste trabalho pela necessária limitação dialetológica que faz do contexto hispano-americano, e por ser frequentemente usada nos estudos de dialetologia espanhola.

Como nosso foco é apresentar a variação em dados reais, é importante abranger as cinco zonas dialetais propostas por Henríquez Ureña, tornando-se possível, assim, comparar a frequência de uso das duas formas do pretérito perfeito do indicativo nos contextos considerados. Desse modo, a metodologia seguida por Oliveira (2007) é relevante, dado o fato de sua amostra contemplar as seguintes capitais: Buenos Aires (região do Rio da Prata), Cidade do México (região do México e América Central), Havana (região do Caribe), La Paz e Lima (região Andina), Madri (região Peninsular) e Santiago do Chile (região do Chile).

Passamos, na seção a seguir, à discussão sobre a frequência de uso das formas simples e composta do pretérito perfeito do indicativo, com base no estudo de Oliveira (2007).

4 VARIAÇÃO DIATÓPICA DAS FORMAS VERBAIS *VIVÍ/HE VIVIDO*

Algumas teorias atentam para a variação entre *viví* e *he vivido* a partir da divisão proposta por Henríquez Ureña, citada anteriormente. No entanto, é mais recorrente a comparação do uso dessas formas verbais considerando apenas duas grandes áreas: Espanha e América.

Zamora Vicente (1967, p. 434), por exemplo, afirma que o pretérito indefinido (neste trabalho, definido como pretérito perfeito simples) é bastante recorrente no espanhol americano. Na América, bem como em algumas regiões peninsulares (Astúrias, por exemplo), as formas *ha dormido*, *ha cantado* são frequentemente substituídas por *durmió* e *cantó*, diz o autor. Nessa direção, Moreno Fernández (2009; 2010) argumenta sobre o uso minoritário do perfeito composto na América e em certas regiões da Espanha – Andaluzia e Ilhas Canárias, por exemplo.

Também é comum, em estudos sobre a variação diatópica, apontar a Argentina como uma das áreas que mais privilegiam a forma simples do pretérito perfeito (MALMBERG, 1974). Malmberg (1974, p. 123) acrescenta que essa característica do espanhol argentino é bastante similar ao espanhol praticado na Galícia. Numa breve discussão sobre questões do sistema verbal, o autor afirma que “*En algunas partes, como Argentina (y Galicia), existe una clara predilección por las formas del pretérito indefinido (cantó) en contextos en que se esperaría normalmente el perfecto (ha cantado).*” Nessa direção, Lapesa (1968, p. 359), ao tratar dos dois pretéritos, afirma que, na América, a forma *vine* aparece em muitos casos em que, no espanhol peninsular, aparece *he venido*.

As conclusões a que chegam os autores supracitados coincidem com as de Andión Herrero (2004). Segundo a pesquisadora, o sistema verbal se comporta de maneira um tanto similar em toda América Latina. Sobre as duas formas do pretérito perfeito, esclarece que, na América espanhola, a forma simples substitui frequentemente a composta, ainda que o comportamento dessas formas seja diferente de acordo com a ampla extensão territorial em que o espanhol é falado.

Como já mencionado, objetivamos discutir a variação das formas verbais simples e composta do pretérito perfeito, considerando o contexto geográfico como variável independente. Para tanto, trazemos os resultados da pesquisa de Oliveira (2007), a qual investiga o objeto de estudo deste trabalho considerando alguns critérios na organização de sua amostra. O primeiro foi identificar produções da língua que apresentassem um mesmo fato, em um mesmo espaço temporal. Logo notícias *online*, difundidas em tempo semelhante por jornais de diferentes capitais hispânicas, mostrou ser o gênero adequado para a organização do *corpus* de análise. A escolha pelas sete capitais hispânicas listadas na seção 2 corresponde ao segundo critério da autora: contemplar na amostra diferentes zonas dialetais espanholas: região Andina, representada por La Paz e Lima; região do México e América Central, representada pela Cidade do México; região caribenha, representada por Havana; região do Chile, representada por Santiago do Chile; região do Rio da Prata,

representada por Buenos Aires; por fim, região peninsular, representada por Madri.³ O terceiro critério levado em conta diz respeito à necessária coincidência temporal do fato narrado. Desse modo, procurou-se coletar notícias referentes ao mesmo fato, divulgadas por diferentes jornais *online*, em um mesmo espaço de tempo – nesse caso, no mesmo dia de seu acontecimento.⁴

Esclarecidos os aspectos metodológicos, passemos à análise da variação diatópica no uso das duas formas verbais do pretérito perfeito do indicativo, evidenciada na tabela a seguir.

Tabela 1: Frequência e percentual do PPS e do PPC nas capitais selecionadas

V1	V2							Total
	Bs. As. (Buenos Aires)	LP (La Paz)	SC (Santiago do Chile)	HA (Havana)	MA (Madri)	CM (Cidade do México)	LI (Lima)	
PPS	224	184	168	183	229	259	236	1.483
(vivi)	95,3%	93,4%	92,3%	92%	74,1%	90,6%	87,4%	88,4%
PPC	11	13	14	16	80	27	34	195
(he vivido)	4,7%	6,6%	7,7%	8%	25,9%	9,4%	12,6%	11,6%
Total	235	197	182	199	309	286	270	1.678
	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Adaptada de Oliveira (2007, p. 62)

A Tabela 1 aponta-nos a diferença no que diz respeito à frequência das formas simples e composta do pretérito perfeito nas capitais consideradas. Observamos o predomínio do PPS em todas as regiões. No entanto, a diferença entre as duas formas não é tão díspar na capital peninsular quanto nas capitais latino-americanas. Queremos dizer com isso que o índice de 80 ocorrências para o PPC em Madri é número relativamente maior que os 11 casos que aparecem em Buenos Aires, ou os 13 e 14 que aparecem em La Paz e Santiago do Chile, respectivamente. Contrapor 200 (média relativa de aparições do PPS) a 15 ou 20 (média numérica do PPC nas capitais americanas) faz a frequência de Madri (80) parecer significativa.

Conforme a Tabela 1, em Buenos Aires, há maior disparidade entre o uso das duas formas verbais. Nessa capital, o PPC corresponde a 4,7% das 235 ocorrências do pretérito perfeito, e o PPS a 95,3%.

La Paz e Lima, representantes da região Andina, apresentam diferença curiosa quanto ao uso dos dois pretéritos. Das 197 ocorrências do pretérito perfeito em La Paz, 6,6% equivalem à forma composta e 93,4%, à forma simples. Em Lima, das 270 ocorrências, o perfeito composto corresponde a 12,6%, e o perfeito simples, a 87,4%. Observa-se que, mesmo se tratando de uma única região, a diferença entre os resultados obtidos em La Paz e

³Com essa simplificação necessária para o estudo, não se pretende evidenciar homogeneidade das regiões representadas, o que seria uma incoerência dada a perspectiva variacionista da língua assumida pelas pesquisadoras.

⁴Esse critério permite ao pesquisador verificar qual a forma verbal utilizada por diferentes enunciadores frente a um mesmo acontecimento e frente, especialmente, a espaços temporais idênticos.

Lima é significativa. Esse fenômeno ratifica, de certa maneira, a afirmação de Malmberg de que cada região latino-americana tem sua idiossincrasia e sua história, e que a distribuição de um fenômeno linguístico não é igual em toda uma mesma extensão territorial.

Em Santiago do Chile, o uso das duas formas verbais não é muito diferente das demais capitais latino-americanas analisadas até aqui. Nesta, a forma composta corresponde a 7,7%, e a simples, a 92,3% das 182 ocorrências do fenômeno analisado.

Os resultados obtidos na análise dos dados de Havana também atestam o predomínio da forma simples: dentre as 199 ocorrências, 8% são do PPC, e 92% são do PPS.

Seguindo a análise do contexto latino-americano, observamos que, em Cidade do México, dos 286 dados, 9,4% correspondem à forma *he vivido* e 90,6%, à forma *viví*. Esses resultados sinalizam, portanto, certa consistência na afirmação de que, na América Latina, “*en general se emplea mucho más corrientemente el simple popular que el pretérito perfecto (...)*” (KANY, 1970, p. 199-200). Moreno Fernández (2009, p. 49) segue nessa direção, sinalizando ainda o valor de uso de ambas as formas: usa-se o perfeito simples para ações vinculadas ao presente, e o perfeito composto, de “uso minoritário”, em contextos imperfectivos.⁵

Sobre o uso do pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto da capital europeia, a Tabela 1 mostra que, comparada às capitais americanas, Madri apresenta uma preferência relativamente menor pelo uso da forma *viví*. Embora ainda haja o predomínio da forma simples (74,1%), a forma composta é mais recorrente neste último contexto geográfico, marcando um percentual de 25,9%. Note-se que esse número é o dobro dos 12,5 % de Lima, segundo lugar no emprego dessa forma.

Considerando o fato de apenas Madri apresentar diferença significativa em relação às demais capitais, podemos agrupar os resultados do contexto hispano-americano a fim de confrontar apenas duas áreas geográficas: América e Espanha.⁶ Com essa metodologia, verifica-se que o percentual de frequência do pretérito perfeito simples obtido na amostra hispano-americana foi de 91,6%, contra os já mencionados 74,1% da amostra peninsular; e o percentual de frequência do perfeito composto foi de 8,4%, no primeiro contexto, e de 25,9%, no segundo.

Discutidos os resultados, vale a pena lançar um olhar sobre algumas ocorrências que ilustram diferenças no uso dessas formas verbais.

(1) “*Rita **pasó** hoy sobre la ciudad de Lake Charles*” (Dado de Buenos Aires).

(2) “*El Centro Nacional de Huracanes **ha señalado** que Rita se **ha convertido** en un huracán de categoría 3, pero sigue siendo temible.*” (Dado de Lima).

⁵Cabe destacar que, para este e outros autores, o que estamos chamando de pretérito perfeito simples e pretérito perfeito composto corresponde, respectivamente, a *pretérito indefinido* e *pretérito perfecto*, nomenclatura muito difundida em manuais didáticos e na gramática da Real Academia Española – RAE.

⁶Não pretendemos, com isso, afirmar que há homogeneidade absoluta no espanhol americano.

Work. Pap. Linguíst., 13(2): 121-132, Florianópolis, abr./jul, 2013

Verificamos na Tabela 1 um percentual mais elevado do perfeito composto na variedade andina, comparada à variedade do Rio da Prata – neste caso, considerando, respectivamente, dados de Lima e de Buenos Aires. As ocorrências (1) e (2) representam um único fato, noticiado na mesma data em que este acontece – a passagem do furacão Rita na América do Norte no dia 24 de setembro de 2005. Constata-se a escolha do periódico argentino pelo perfeito simples, e do peruano, pelo perfeito composto. No entanto, é importante destacar que o fato representado pelo fragmento em (2) não é narrado exclusivamente no perfeito composto, pois, em outro extrato da mesma notícia, o mesmo acontecimento aparece também no perfeito simples – forma verbal mais frequente na amostra andina.

(3) “*Rita **llegó** en la madrugada de hoy sábado a la frontera entre Louisiana y Texas*” (Dado de Lima).

Outro fato repercutido mundialmente e contemplado na amostra diz respeito à eleição da Presidente Michelle Bachelet no Chile. A notícia é narrada no periódico de Havana e no de Cidade do México por meio do perfeito simples, como ilustram os dados a seguir:

(4) “*Diversas agencias de prensa se referían en la noche de ayer a que casi medio millón de chilenos se **lanzaron** a las calles para vitorear a Michelle Bachelet.*” (Dado de Havana).

(5) “*La virtual presidenta electa de Chile, Michelle Bachelet, **celebró** anoche a ritmo de mariachi ante decenas de miles de sus seguidores la amplia victoria electoral obtenida ayer en los comicios.*” (Dado de Cidade do México).

O mesmo fato é apresentado pelo jornal madrileno por meio do perfeito composto, conforme ocorrência (6):

(6) “*Michelle Bachelet, **ha asegurado** que reducirá la brecha que aún persiste entre ricos y pobres (...) La ex ministra **ha obtenido** el 53,49% de los votos, frente al 46,5% del derechista Sebastián Piñera, que **ha admitido** su derrota.*” (Dado de Madri).

Cabe ainda ilustrar os resultados da sétima capital contemplada na amostra de Oliveira (2007). Para tanto, selecionamos o dado em (7), que representa o mesmo fato de que tratam as notícias fragmentadas em (5) e (6):

(7) “*La socialista Michelle Bachelet se **convirtió** en la primera mujer presidente de Chile al ganar por siete puntos al candidato de la oposición, el multimillonario empresario Sebastián Piñera. Según el escrutinio oficial, con el 97,17% de los votos escrutados, Bachelet **tuvo** un 53,51% y Piñera un 46,48%.* (Dado de La Paz).

Podemos observar a escolha do periódico de La Paz pelo perfeito simples ao noticiar um fato narrado no perfeito composto pelo periódico de Madri. Corrobora-se, dessa forma, a

preferência pela forma simples do pretérito perfeito na amostra hispano-americana que estamos discutindo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em direção ao que preconizam estudos mencionados neste trabalho, observamos a atuação da variável geográfica na escolha por *vivi* e *he vivido*, constatando que os dados numéricos de emprego da forma composta e da simples na variedade peninsular e nas variedades hispano-americanas são significativamente diferentes.

Por fim, importa salientar que a escolha por uma ou outra forma verbal certamente não se limita a fatores geográficos – ponto que ocupa nossa atenção aqui. Considerando algumas variáveis linguísticas – como “tipo de verbo”, “tipo de complemento adverbial”, “número do sujeito” e “número do objeto” –, prossegue-se sobre o tema das funções dos dois pretéritos espanhóis na tese de doutorado de Oliveira (2010), cuja leitura sugerimos ao leitor interessado a aprofundar-se no assunto.

REFERÊNCIAS

ANDIÓN HERRERO, M. A. *Variiedades del español de América: una lengua y diecinueve países*. Madrid: Espasa, 2004.

CALVET, L-J. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

COSERIU, E. Norma y habla. *Revista de la Facultad de Humanidades y Ciencias*. Año VI, no. 9. Montevideo, 1952.

_____. *Sincronía, diacronía y historia*. Madrid: Gredos, 1973.

_____. *El hombre y su lenguaje*. Madrid: Gredos, 1977.

_____. Sentido y tareas de la dialectología. *Cuadernos de Lingüística*. N. 8. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, Centro de Lingüística Hispánica, 1982.

FARACO, C. A. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Ática, 1998, p. 111-115.

KANY, C. E. *Sintaxis Hispanoamericana*. Madrid: Gredos, 1970

LAPESA, R. *Historia de la lengua española*. Madrid: Escelicer, 1968.

MALMBERG, B. *La América hispanohablante: unidad y diferenciación del castellano*. 3 ed. Madrid: ISTMO, 1974.

MORENO FERNÁNDEZ, F. *Las variedades de la lengua española y su enseñanza*. Madrid: Arco Libros, 2009.

_____. *La lengua española en su geografía*. Madrid: Arco Libros, 2010.

OLIVEIRA, L. C. de. *As duas formas do pretérito perfeito em espanhol: análise de corpus*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

_____. *Estágio da gramaticalização do pretérito perfeito composto no espanhol escrito de sete capitais hispano-falantes*. Tese (Doutorado), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

ZAMORA VICENTE, A. *Dialectología española*. Madrid: Editorial Gredos, 1967.

Recebido: 03/06/2013

Aceito: 31/08/2013